



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/ HAB. CIÊNCIAS NATURAIS

EDÉSIO DA SILVA PINHEIRO

O PAPEL DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA
E NA COMUNIDADE DO RIO MAÚBA

ABAETETUBA/PA

2018

EDÉSIO DA SILVA PINHEIRO

**O PAPEL DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA
E NA COMUNIDADE DO RIO MAÚBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de grau de Licenciado em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais, vinculado a Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo da Universidade Federal do Pará/ Campus Universitário de Abaetetuba.
Orientadora: Prof.^a Mestre Rosilda do Socorro Ferreira Vaz

ABAETETUBA/PA

2018

EDÉSIO DA SILVA PINHEIRO

**O PAPEL DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA
E NA COMUNIDADE DO RIO MAÚBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de grau de Licenciado em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais, vinculado a Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo da Universidade Federal do Pará/ Campus Universitário de Abaetetuba.
Orientadora: Prof.^a Mestre Rosilda do Socorro Ferreira Vaz

Abaetetuba, ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Msc. – Rosilda do Socorro Ferreira Vaz - Orientadora

Prof^o Doutor- José Francisco da Silva Costa - Co - orientador

Avaliador 2

ABAETETUBA/PA

2018

Dedico primeiramente a Deus que me ajudou a chegar até aqui e com todo meu carinho a minha mãe Maria de Lourdes, meu pai Raimundo Crispim e meus irmãos por todo companheirismo e apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela benção alcançada, por ter me dado à oportunidade de cursar a Licenciatura em educação do campo com ênfase em ciências naturais pela Universidade Federal do Pará.

Aos meus pais o senhor Raimundo Crispim, amigo que muito me incentivou e ajudou para concretizar esse sonho a dona Maria de Lordes Machado da Silva, pelo incentivo e muito amor;

Aos meus irmãos Eden, Edenilze, Edevanilze, Edenildes, Edevilma, Edaivide, Edeiziane pelo incentivo que me deram fazendo-me acreditar que eu era capaz.

Aos professores que contribuíram com o curso e em especial a minha orientadora Rosilda Vaz pela dedicação e belas orientações para a concretização deste trabalho.

Enfim a todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste sonho, o meu muito obrigado.

O PAPEL DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA E NA COMUNIDADE DO RIO MAÚBA

Edésio da Silva Pinheiro¹

Rosilda do Socorro Ferreira Vaz²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o papel dos saberes tradicionais da comunidade do rio Maúba e como os professores têm trabalhado esses saberes no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Os autores que balizam as análises são: CASTRO (2017); COSTA (2016); CHARLOT (2005); CUNHA (2009); DOURADO (2012); FARIA, A. R et al. (2009); FOLADORI (2001); FREIRE (1996); FREIRE (2001); LATOUR (1994); LEFF (2001); NOGUEIRA (2005); SANTOS (2010). Metodologicamente utilizou-se a abordagem qualitativa visando destacar o cotidiano dos sujeitos entrevistados. Como instrumento de coleta de dados a observação e a entrevista com 03 trabalhadores da comunidade, 02 professores e 03 alunos. Esta pesquisa mostrou as primeiras entrevistas realizadas com os moradores da comunidade de Maúba. Nas análises desta pesquisa, observou-se que na comunidade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do rio Maúba, os saberes que mais se destacam são os saberes da pesca artesanal (bloqueio, Espinhel, Viveiro, Puça, Camboa, Gapuia, Caniço, Tapagem e o Cacuri), o manejo do açai e o trabalho braçal. Segundo os trabalhadores/pais esses conhecimentos tão importantes para a comunidade local, comportam adaptações significativas nos conteúdos aprendidos nas aulas que seus filhos aprendem na escola, porém ainda precisar de um empenho melhor dos professores para a preservação da natureza e valorização dos traços da cultura da comunidade. A escola deveria ter consciência do tipo de conhecimento que estão repassando para suas gerações. Ela deveria respeitar os conhecimentos locais, valoriza-los em seus currículos de forma que estes possibilitasse a reflexão de sua realidade. De acordo com as entrevistas realizadas com os professores percebeu-se que eles possuem um conceito sobre os saberes tradicionais, reconhecem sua importância, porém ainda enfrentam muitas dificuldades em realizar os diálogos entre os formais e os científicos. Essas dificuldades são inúmeras como: a valorização dos conhecimentos científicos contidos nos livros didáticos, internet, apostilas ignorando os conhecimentos tradicionais dos alunos. Contudo, reconhecem a importância do diálogo entre eles para desenvolver uma produção do conhecimento, para os alunos no contexto da sala de aula.

Palavras chave: Saber tradicional, Conhecimento científico, Educação.

¹ Graduando no Curso Licenciatura em Educação do Campo, 4º período 2016- UFPA Campus Abaetetuba-PA- e mail: edesio_papao@hotmail.com

² Mestre em Educação, Cultura e Linguagem pelo Programa de Pós- Graduação em Educação e Cultura- PPGEDUC- Cametá, especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Integrada Ipiranga-rosildaferreiravaz@gmail.com

ABSTRACT

This article aims to analyze the role of the traditional knowledge of the Maúba River community and how teachers have worked these knowledge in the process of teaching and learning of the students of the Municipal School of Elementary and Middle School Our Lady of Perpetual Help. The authors of the analyzes are: CASTRO (2017); COSTA (2016); CHARLOT (2005); CUNHA (2009); DOURADO (2012); FARIA, A. R et al. (2009); FOLADORI (2001); FREIRE (1996); FREIRE (2001); LATOUR (1994); LEFF (2001); NOGUEIRA (2005); SANTOS (2010). Methodologically, the qualitative approach was used to highlight the daily life of the subjects interviewed. As an instrument of data collection observation and interview with 03 community workers, 02 teachers and 03 students. This research showed the first interviews with the residents of the Maúba community. In the analysis of this research, it was observed that in the community of Our Lady of Perpetual Help of the Maúba river, the knowledge that stands out most is the artisanal fishing knowledge (block, Espinhel, Viveiro, Puça, Camboa, Gapuia, Caniço, Tapagem and the Cacuri), the handling of açaí and the manual labor. According to the workers / parents, this knowledge, which is so important to the local community, has significant adaptations in the contents learned in the classes that their children learn in school, but still need a better commitment of the teachers to the preservation of nature and appreciation of the traits of the culture of the community. The school should be aware of the kind of knowledge they are passing on to their generations. It should respect local knowledge, value it in its curricula so that it enables reflection of its reality. According to the interviews with the teachers it was noticed that they have a concept about traditional knowledge, recognize its importance, but still face many difficulties in carrying out the dialogues between the formal and the scientific. These difficulties are numerous such as: the valorization of the scientific knowledge contained in textbooks, internet, apartilhas ignoring the traditional knowledge of students. However, they recognize the importance of dialogue between them to develop a production of knowledge for students in the context of the classroom.

Key words: traditional knowledge, scientific knowledge, education.

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa fez uma investigação com o objetivo de analisar os saberes tradicionais da comunidade do rio Maúba e como os professores têm trabalhado esses saberes no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, bem como Compreender a comunidade em seus aspectos sociais, econômicos e educacionais; Identificar os saberes tradicionais desenvolvidos pelos sujeitos da comunidade; identificar as práticas pedagógicas dos professores da referida escola dentro de um campo de valorização dos saberes dos alunos da comunidade.

Segundo Dourado (2012, p. 02), os conhecimentos tradicionais referem-se:

[...] às línguas, às técnicas de artesanato, aos saberes sobre o ciclo das plantas, sobre a biodiversidade e os ecossistemas. Referimo-nos aos saberes de cura com o uso de substâncias naturais, à produção de expressões artísticas, aos cantos, às danças e aos rituais. Uma grande variedade de conhecimentos podem ser assim classificados, numa variedade de situações e contextos sociais e culturais em que eles são mantidos, produzidos e transformados. São tradicionais os conhecimentos, os saberes e as práticas de pessoas e grupos cujo modo de vida é considerado tradicional. Tais grupos sociais distinguem-se culturalmente dos demais, se auto identificam e são reconhecidos nessa distinção, possuindo formas próprias de organização social. Com base nos conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição, são construídos modos de vida onde a ocupação do território e o uso dos recursos naturais são condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica (art. 3o, inc. I, Decreto n. 6.040/2007).(DOURADO, 2012)

Para Dias (2012, p. 12) são “conhecimentos intergeracional dos povos amazônicos, transmitidos oralmente e relacionados diretamente aos seus aspectos culturais e ao uso e manejo dos recursos naturais”.

E de acordo com a Medida Provisória n. 2.186-16/2001 são informações ou prática individual ou coletiva de comunidade indígena ou de comunidade local, com valor real ou potencial, associada ao patrimônio genético (BRASIL, 2001).

Esses conhecimentos tradicionais são importantes para as populações tradicionais como os quilombolas, ribeirinhos, jangadeiros, sertanejos, indígenas, etc., pois, estes povos usam “territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2000, p. 12).

Segundo Costa *et. al* (2016) atualmente os conhecimento ecológico tradicional tem sido reconhecido como complementar e, até mesmo, equivalente ao conhecimento científico, sendo cada vez mais procurado por ser uma potencial fonte de ideias para modelos de gestão, conservação e restauração ecológica. Neste sentido, Faria *et al.* (2009, p. 23) destacam ser importante “o estabelecimento da relação de diálogo entre os conteúdos e a realidade de onde a escola está inserida, a fim de considerar as características de seus alunos e, assim, acolher e atender suas demandas”.

A pesquisa parte da seguinte problemática: Como os saberes tradicionais da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro vem sendo valorizados no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro?

Com o objetivo de formar cidadãos críticos capazes de valorizar o saber local junto a sua atuação no meio social se faz presente nos documentos que regem a educação, como podemos verificar nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), nos quais trazem em seus princípios e fins da educação nacional, a necessidade de valorizar as experiências que os indivíduos possuem além do âmbito escolar, a fim de estabelecer vínculos entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. Por outro lado, “representa uma forma de interação com o repertório sociocultural, permitindo o resgate, no interior do trabalho escolar, da dimensão de produção coletiva do conhecimento e da realidade”. (BRASIL, 1997, p. 34).

Desta forma, Costa *et. al* (2016) propõe o diálogo desses saberes,

[...] estabelecido pelo encontro e enriquecimento mútuo do conhecimento científico, no qual é produzido de forma sistematizada, aceito universalmente e trabalhado na escola, com o conhecimento tradicional que reflete a visão proveniente das experiências vivenciadas pelos sujeitos que pertencem às comunidades tradicionais. Esta perspectiva pode contribuir para que o indivíduo reflita criticamente para compreender que a ciência não representa o único acesso ao conhecimento (COSTA *et. al.*, 2016, p. 02).

Pois, apesar de diferentes, estes conhecimentos tradicionais são complementares ao serem considerados em seus respectivos valores e contextos de aplicação.

Utilizamos como metodologia a abordagem qualitativa visando destacar o cotidiano dos sujeitos, suas práticas seus saberes e em particular as experiências pedagógicas de uma escola situada no campo denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, assim de algum modo visa “compreender como o sujeito

categoriza, organiza seu mundo, como ele dá sentido à sua experiência e especialmente à sua experiência escolar [...], como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio” (CHARLOT, 2005, p.41).

A pesquisa como já mencionamos, tratou de investigar o papel dos saberes tradicionais dos moradores da comunidade do rio Maúba e como os professores têm trabalhado esses saberes no processo de ensino e aprendizagem dos alunos que lá estudam. Para isso, foram realizadas entrevistas com três trabalhadores identificados no texto como: TRABALHADOR/PAI- A, TRABALHADOR/PAI-B E TRABALHADORA/MÃE-C que são também pais de alunos e dois professores, P1 e P2.

Os trabalhadores A, B e C nasceram, casaram e vivem com suas famílias atualmente na Comunidade. Seus trabalhos resumem-se em plantar, pescar e cuidar da terra.

O trabalhador A, tem 53 anos de idade, trabalha com a pesca artesanal do espinhel é um dos membros que participa das reuniões da Comunidade a mais de 30 anos.

O trabalhador B, tem 30 anos de idade também mora na comunidade seu trabalho é a pesca de malhadeira e cuidando do açazal.

O trabalhadora C, tem 60 anos de idade, é membro da comissão organizadora da comunidade, trabalha como lavradora a mais de 50 anos.

Sabe-se que “as entrevistas tomadas em sequência, num tempo relativamente prolongado, permite ao informante contar histórias de vida e narrativas de eventos da memória individual e coletiva” (SOUZA, 2013, p.44).

A escolha dos entrevistados, pais e alunos, por estes serem da comunidade de Maúba e apresentarem no decorrer de nossa visita a escola comprometimento com uma educação que valorize seus conhecimentos e saberes local. E os dois professores por serem os únicos que aceitaram contribuir em nossa pesquisa. As entrevistas foram agendadas previamente com antecedência respeitando a agenda dos mesmos, que ocorreram no mês de agosto deste ano. Também, foi garantido o sigilo dessas pessoas por questões éticas e institucionais.

Outra técnica utilizada como instrumento de coleta de dados foi a observação das aulas e leitura de documentos oficiais existentes na instituição, tais como planos de aulas e alguns conteúdos buscando situar os discursos contidos nesses registros.

O artigo está organizado da seguinte forma a introdução em que realizamos uma apresentação geral da pesquisa. Em seguida apresentamos a comunidade lócus, e delineamos os saberes tradicionais desenvolvidos pelos sujeitos da comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro. Após, as concepções dos trabalhadores sobre os conhecimentos tradicionais e finalizando com a escola e a valorização dos conhecimentos tradicionais.

2 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DA PESQUISA

2.1 A Comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro

A Comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro está localizada as margens do rio Maúba na fronteira entre os municípios de Abaetetuba e Igarapé-Miri na região do Baixo Tocantins, onde possui uma diversidade de riquezas naturais e culturais, como: igarapés, fauna, flora, extrativismo vegetal, formado de riquíssima fonte de matéria prima usada nas atividades econômicas e culturais desenvolvidas na localidade, influenciada pela sua localização.

As atividades desenvolvidas na localidade segundo Silva (2016, p. 13) caracterizam “sua raça, cor, religiosidade e seus valores culturais, expressos através da música, da literatura, danças, teatro, folclore e uma diversidade de objetos artesanais, produzidos a partir de matéria-prima local”. Ainda possui um espírito religioso e altamente desportivo, fato que determina sua identidade cultural.

O Rio Maúba faz parte de uma das 72 ilhas da zona rural do município de Abaetetuba, denominado por Machado (2008) de zona das ilhas das quais as mais importantes são Capim, Sirituba, Campompema, Pacoca, Cururu, São Bento, São Francisco, Santo Antônio e Coelho” (p. 17). A Comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, faz parte da ilha Sirituba, existe atualmente segundo dona Lurde, 250 famílias morando nesta comunidade.

Em relação aos aspectos econômicos, a Comunidade sobrevive do extrativismo vegetal, mercearias, serviço público, artesanato da tala do jupati e da pesca artesanal um dos saberes tradicionais mais importantes da comunidade.

Uma das pescas mais tradicionais é a pesca artesanal do camarão na comunidade, que faz parte da rotina do dia a dia das famílias, as 04h30min da manhã, é comum muitas famílias entrarem no igarapé com suas canoas cheias de matapi, para garantir seu sustento e de seus familiares e voltam quando a maré baixa para tirar o matapi e então retirarem o camarão.

Outro tipo de pesca é o Bloqueio do mapará. Nesse tipo de pesca segundo Silva (2016, p. 14) existem algumas funções: “o Taleador que pode ser 02 ou 03 homens, os mergulhadores, também em grupos de 02 ou 03 e outros homens para ajudar”.

Ainda para Silva (2014, p. 14) nesse tipo de pesca:

Primeiro observa a maré, se é boa ou não para o tipo de pesca e o tempo se é propício ou não. Um ou dois Taleadores entram em cena para sondar o cardume, cada um em seu casco, observam a profundidade e o tamanho do cardume, para ver se é conveniente o cardume. Ao juntar o cardume, ele pede aos demais homens que se lancem as redes até formar o bloqueio.

Os mergulhadores entram em cena, para cruzar as redes por baixo, uma empanada com a outra, para que ao puxá-las, os peixes venham junto com as redes. O círculo de bloqueio, dependendo do cardume, pode formar uma grande círculo. As redes são puxadas para dentro de um dos casacos, quando a pesca acaba.

Além desses dois tipos de pesca artesanal que mais se destacam existem outras como: Espinhel, Viveiro, Puça, Camboa, Gapuia, Caniço, Tapagem e o Cacuri que são diferentes armadilhas que servem para pegar outras espécies como camarão, mapará, pescada, bacú, dourado, piraíba, filhote entre outros.

2.2 A escola municipal Nossa Senhora do Perpetuo Socorro

A escola municipal de ensino fundamental Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, fica localizada na comunidade de mesmo nome, isto é Comunidade Nossa Senhora do Perpetuo Socorro do rio Maúba.

Figura 1- Escola Municipal Nossa Senhora do Perpetuo Socorro



Fonte: acervo da pesquisa

A escola atualmente conta com uma estrutura física composta por 06 salas de aulas, uma secretaria, uma cozinha, um depósito de merenda e dois banheiros. Seu funcionamento em dois turnos (manhã e tarde), cujo atendimento de 276 alunos dispostos na educação Infantil, o ensino fundamental e ensino médio (anexos) Escola Bernardino Pereira de Barros.

Possui um quadro com 23 funcionários, sendo 01 diretora, 09 professores do ensino fundamental, 02 vigias, 04 serventes, 04 rabeteiros (transporte escolar).

Na escola também funciona o Sistema Modular de Ensino- SOME como 07 turmas. Esse sistema funciona por módulos com determinadas equipes de professores (que varia de 03 a 04 professores por modulo) estes fazem um circuito por quatro Comunidade por ano, com 50 dias letivos em todas as localidades.

Segundo Pereira (2014) o Sistema de Organização Modular de Ensino-SOME, surge no ano de 1980 no Estado do Pará, como objetivo levar a educação continuada para as comunidades ribeirinhas que se localizam longe das cidades, a fim de oferecer oportunidades para que o filho do camponês pudesse concluir seus estudos. Segundo a Secretaria Executiva de Educação (SEDUC) o Sistema Modular “configura-se com uma estratégia para levar o ensino médio de acesso difícil ou com dificuldades estruturais por conta da localização, mas só passou a fazer parte da SEDUC em 1982”.

Contudo, os povos do campo não veem o acesso à educação do campo como sendo uma estratégia de contentamento, mas sim como um direito previsto na Constituição Brasileira de 1988 que proclama a educação como sendo um direito de todos e dever do Estado transformando a educação em direito público subjetivo, independente dos cidadãos residirem nas áreas rurais ou urbanas (BRASIL, 1996). Cabe ressaltar que a constituição de 1988 não trata especificamente da educação do campo, mas possibilita as Constituições Estaduais e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) o tratamento da educação rural no âmbito do direito a igualdade e respeito às diferenças.

É importante salientar que com o SOME tornou-se possível os alunos do campo concluírem seus estudos da melhor forma possível, vale lembrar que o SOME funciona por módulos com determinadas equipes de professores que fazem um circuito por quatro localidades por ano, com 50 dias letivos em todas as localidades. Para uns o SOME é “pouco”, para outros é “muito”, pois sem esse Sistema de Ensino não seria possível os jovens e adolescentes, moradores do campo concluíssem os anos finais do ensino fundamental, o ensino médio e dando possibilidades para que esses alunos adentrassem as universidades.

O SOME surgiu na vida dos alunos ribeirinhos a fim de combater a evasão escolar e em partes combateu. Contudo, muitas coisas faltam melhorar, pois o campo precisa ser visto com os mesmo olhos que o poder público vê a educação dos centros urbanos, com isso, por exemplo, escolas precisam ser construídas para nossos alunos ribeirinhos, uma vez que ainda há muitas localidades onde o SOME funciona nos barracões dos centros comunitários, sem o mínimo de condições para receber esses alunos, e ainda a falta de merenda escolar, livros didáticos que não levam em consideração a diversidade cultural dos estudantes do campo,

transportes escolares inadequados e o principal, possibilitar as peculiaridades e diversidades campo.

Atualmente a escola atua no ensino fundamental com os programas do governo federal, como o Mais educação (cancelado) e o Mais Alfabetização, são programas que visam qualificar o rendimento dos estudantes.

Um dos grandes desafios da escola segundo a diretora é o PPP que a escola ainda não possui e que isso implica em várias problemáticas como o planejamento anual e semestral junto da comunidade escolar em relação às suas metas e objetivos.

Segundo Libâneo (2008) o Projeto Político Pedagógico é o plano geral da escola, é um planejamento coletivo da comunidade escolar visando uma prática educativa qualificada, participativa e de atuação coletiva. Ainda, segundo este autor, “O projeto pedagógico curricular é um documento que reflete as intenções, os objetivos, as aspirações e os ideais da equipe escolar tendo em vista um processo de escolarização que atenda a todos os alunos” (LIBÂNEO, 2008, p.357).

3 SABERES TRADICIONAIS DESENVOLVIDOS PELOS SUJEITOS DA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA DO PERPETUO SOCORRO

Na comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro do rio Maúba, são muitos os conhecimentos tradicionais sobre a biodiversidade local, como relata alguns moradores da Comunidade.

“Olhe, eu lhe digo o seguinte, existe dois sentido, é assim, aqui no Maúba a pesca se destaca, mas não é tanto, porque é uma minoria de pescador, sabe, já tem uma maioria de produtor de açaí, né. Então aqui tem a pesca, tem uma parte, mas já é mais destacado no açaí. A pesca, ela contribui uma parte, mas só que é menor o pescador aqui do nosso rio do que lá do Panacuera, porque o Panacuera, ele combate com Cametá na pesca. Porque o município que existe mais pescador é Igarapé-Miri e Cametá” (TRABALHADOR/PAI A).

De acordo com o TRABALHADOR/PAI-A, na Comunidade de Maúba a pesca artesanal era um conhecimento tradicional que se destacava, porém atualmente somente alguns pescadores realizam essa atividade, isso se deve ao modelo econômico e a crise ambiental que estamos vivenciando atualmente (FOLADORI, 2001).

Para Foladori (2001) existe, além do modelo econômico, três temáticas que englobam a crise ambiental: a superpopulação, os recursos e os resíduos. Segundo esse autor, “esses três grandes problemas podem ser compreendidos sob um denominador comum: os limites físicos externos com os quais a sociedade humana se defronta” (p.101). Limites esses

que se expressam através de uma quantidade maior de população do que o ecossistema pode suportar. Incorporado esses problemas ao modelo econômico vigente, percebe-se que os recursos naturais são escassos diante das crescentes necessidades sociais além da poluição do meio ambiente possuem uma velocidade que a natureza não consegue reciclar. O autor acredita que os problemas ambientais da sociedade humana surgem “como resultado de sua organização econômica e social”, diz ele, “e qualquer problema aparentemente externo se apresenta, primeiro, como um conflito no interior da sociedade humana.” (p.102).

Para Leff (2002) a problemática ambientais como a escassez da pesca também está aliada ao “efeito de acumulação de capital e da maximização da taxa de lucro a curto prazo, que induzem a padrões tecnológicos de uso e ritmos de exploração da natureza” (p.59). Além disso, o consumismo consequência do capitalismo vem esgotando as reservas de recursos naturais. Portanto, para o autor, uma das principais soluções para amenizar a crise ambiental estaria na valorização do diálogo de saberes, já que “as práticas de uso dos recursos dependem do sistema de valores das comunidades” (p.79).

Atualmente segundo o TRABALHADOR/PAI-A, o açaí ganha o espaço de ser um dos conhecimentos tradicionais, mais intenso na comunidade. Isso se deve a sua abundância e por produzir um dos importantes alimentos para as populações locais, além de ser a principal fonte de matéria-prima para a agroindústria de palmito no Brasil (NOGUEIRA, 2005).

É a pesca, porque aqui a vida nossa é pesca. Pesca de camarão, pesca de rede. Então, é a maneira que nós utiliza mais é essa aí, que é onde nós conhece a nossa área e a onde nós for, nós sabe se virar, porque é a área que nós aprendemos aqui no sítio, a área da pesca, não importa qual for o tipo de pescado, nós entendemos, porque nós sabe fazer o matapi, nós sabe pescar o camarão e nós sabe fazer a rede e sabe pegar o peixe. Então, foi à área que nós aprendemos com os nossos pais, isso aí vem dos antigos (TRABALHADOR/PAI- B).

Para o TRABALHADOR/PAI- B que vai de encontro com a fala do TRABALHADOR/PAI-A, diz que o conhecimento tradicional que se destaca é a pesca artesanal e justifica que essa prática proporciona o sustento das famílias da comunidade de Maúba, além de ser uma atividade que foi aprendida através das gerações.

Já para a TRABALHADORA/ MÃE-C, que além de moradora da comunidade é professora, relata o seguinte que os conhecimentos tradicionais mais presente na comunidade é o trabalho braçal, isso é o trabalho que utiliza das mãos do ser humana, este é pouco reconhecido, mas para muitas comunidades rurais é o mais utilizado, como se pode ver a seguir.

No trabalho braçal, como trabalhar a terra sabe, como educar pra que ele não esteja destruindo, fazendo a derruba. É, quando derrubar pra ele plantar, um trabalho em grupo, a união das pessoas, do mesmo objetivo, da progressão na agricultura, na pesca, nas coisas sociais também (TRABALHADORA/ MÃE-C).

De acordo com os entrevistados na Comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, os conhecimentos tradicionais que ainda prevalece são a pesca artesanal, o manejo de açaí e o trabalho braçal que são usados para uma variedade de finalidades importantes que vão desde o uso como alimentos, até o desenvolvimento de conhecimentos e práticas para a agricultura e a criação de animais.

Esses conhecimentos são vistos pelos moradores da comunidade como algo importante para a sobrevivência local.

Segundo Castro (2017) “o conhecimento tradicional refere-se a saberes, inovações e práticas das comunidades indígenas e locais relacionados aos recursos genéticos”. Esses conhecimentos tradicionais são frutos da luta pela sobrevivência e da experiência adquirida ao longo dos séculos pelas comunidades, adaptados às necessidades locais, culturais e ambientais e transmitidos de geração em geração.

De acordo com Freire (2001), os sujeitos produzem conhecimentos que devem ter visibilidades a partir de seus territórios, culturas, saberes e práticas cotidianas. Entretanto, muitas vezes são invisíveis porque não são dialogados nos currículos das escolas, suas identidades agro-pesqueira, da agricultura e outras práticas socioculturais, como os saberes tradicionais da pesca artesanal.

4 CONCEPÇÕES DOS TRABALHADORES SOBRE OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

Com o objetivo de analisar os saberes tradicionais dos moradores da comunidade do rio Maúba e como os professores têm valorizado esses saberes no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da escola Nossa Senhora do Perpetuo Socorro realizamos entrevista inicialmente com os 03 trabalhadores da comunidade do Rio Maúba.

A entrevista foi realizada na casa dos entrevistados. A primeira pergunta foi o que é saber tradicional? Essa pergunta foi esclarecida através de alguns exemplos, como conhecimento aprendido na tradição, conhecimento repassado de pais para filhos.

Olhe, no meu ver, saber tradicional são coisas que a gente aprende pela natureza, não pelo estudo, né. A tradição nossa é assim, porque tudo que ele trabalha ele

conhece. É aquele conhecimento que agente aprendeu desde menino né, pra gente viver ne, como a caça a pesca eu acho que é isso (TRABALHADOR/PAI- A).

Saber tradicional é, aqui na vida, aqui né, ribeirinho, pra nós é, cada um de nós sabemos de várias coisas diferente, né. Como fazer o matapi, paneiro, é coisas que nós aprendemos no passado com nossos pais, né. Na pesca, é de açaisal. Isso foi coisa que nós trouxemos do pai nosso. Então, malhadeira, consertar rede, pesca na baía, é, tantas braças de rede, malha, se é malha 40, 35 que é a pesca que nós pesca aqui, é o tamanho por defeso da marinha, de pescador e com isso que eu aprendi com meu pai, né. Porque eu aprendi com meu pai a me virar, a sozinho assim. Agora eu vou, já sei fazer aquilo que ele fazia, ir nos pontos de pesca dele. (TRABALHADOR/PAI-B)

É aquilo que são repassados de pai para filho. Os pais, por exemplo, na pesca, eles ensinam como pescar, como preparar o material, como organizar os acessórios de pesca, os acessórios de trabalho na agricultura, como limpar a terra pra plantar, como usar o material que vai ser na pesca, como organizar um trabalho de casa, como vai organizar um trabalho profissional por exemplo, no meu caso que era professora tinha que fazer o meu plano de aula pra que o meu aluno, ele me dei suporte, que ele alcance o meu objetivo daquela aula. Então eu vou fazer de acordo como eu aprendi. Assim eu vou ensinar o meu aluno a ler, a escrever, a me respeitar, dá um suporte pra que eu possa respeitá-lo. É, repassar o conhecimento que eu tenho pra ele e ele obter o que eu tô repassando pra ele, pra que o meu objetivo seja alcançado no final da aula, no final do mês, no final do ano, pra que eu possa tá repassando um conhecimento que eu tenho, como saberes tradicionais no caso. Que eu possa educá-lo e fazer com que ele se torne um cidadão do jeito que, no nível que eu já estou. Vai demora um tempo, porque não é de um dia pro outro que eu vou consegui repassar aquele conhecimento pra ele, mas, na prática, na teoria, assim por diante (TRABALHADORA/MÃE- C).

Nessas entrevistas podemos verificar que todos os trabalhadores deram um exemplo de conhecimento tradicional, realizando uma ligação entre as experiências do cotidiano e as relações estabelecidas entre os indivíduos. Segundo Morales (apud, COSTA *et. al*, 2016, p. 02) o saber tradicional é resultado de um “conjunto de saberes e práticas geradas, selecionadas e acumuladas coletivamente durante milênios de acordo com as diferentes capacidades da mente humana, armazenado na memória e transmitido de geração em geração”. É o saber da experiência.

Quando perguntamos para os trabalhadores sobre a importância desses saberes tradicionais para a Comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, eles responderam:

Olhe, eu vou lhe falar o seguinte, em vários lugares a comunidade, ela releva, ela dá a importância, mas na nossa não dá, aqui na nossa região, né. Porque se a nossa região ela desse importância, faz ser dos nossos dois lados, Abaeté, Igarapé-Mirí. Eu lhe digo que o nosso lado não estava como está, você sabe por que? Porque hoje ninguém pensa em preservar, ninguém pensa em ter o respeito da natureza, cada cá mais está a disfruta da natureza, né? Então se a nossa comunidade, ela desse uma importância grande, que ela era pra dar, nós ainda teria muita coisa ainda daqui a mais tempo, mas como está a nossa comunidade que ninguém se importa com nada, cada cá faz como pode, como quer, nós tomamos acabando com a natureza mais rápido (TRABALHADOR/PAI- A).

De acordo com o (TRABALHADOR/PAI- A) tanto a comunidade como a escola pouco da importância aos conhecimentos tradicionais da comunidade na elaboração de suas aulas e essa desvalorização trás alguns problemas como a falta da preservação da natureza e dos conhecimentos tradicionais.

Um ensinando o outro. Agora como? É preservando o meio ambiente, é cuidando da nossa natureza, é aquilo que os nossos pai ensinou, né. É isso que nós guarda e ensina também. Assim como nós aprendemos com os nosso pai, nós estamos ensinando agora pros nosso filho, amigo, vizinho, como tratar o nosso meio ambiente, né. E de que maneira? E de que forma? É preservando, né. É ensinando, educando as nossas crianças (TRABALHADOR/PAI- B).

Para o (TRABALHADOR/PAI- B) os conhecimentos tradicionais deveria ser ensinados na escola, como destacou na frase “ um ensinando o outro” como acontecia na época que nasceu onde era repassado de geração a geração.

Em primeiro lugar é o respeito, né. Pelo que você vai repassar para uma pessoa, não só na escola, mas na comunidade em que vivemos. Nós temos que tá repassando com que ele possa a respeitar e ser respeitado, para que ele possa adquirir as coisas com o esforço dele, participando, se agregando na comunidade (TRABALHADORA/MÃE - C).

Já para o (TRABALHADORA/MÃE C) a escola deveria ter consciência do tipo de conhecimento que estão repassando para suas gerações. Ela deveria respeitar os conhecimentos locais, valoriza-los em seus currículos de forma que estes possibilite a reflexão de sua realidade. Essas afirmações mostra o distanciamento entre a escola e a realidade dos alunos, na qual a escola necessita do trabalho coletivo com os pais para desenvolver os saberes tradicionais da comunidade de Maúba e seus costumes.

Quando perguntamos aos trabalhadores se eles utilizavam os saberes tradicionais em sua prática cotidiana? As respostas foram as seguintes.

Olhe, eu lhe digo que na comunidade eles utilizam os dois, né. Um pouco de cada um, né. É porque, é, a comunidade, assim como tem pessoas que ela trabalha com o açai, mas tem uns que trabalham na pesca. Então pra concluir o certo, nas ilhas são os dois ramos que existe, é a pesca e o açai, mesmo que o cara tenha um pedacinho de terra, mas um cacho de açai ele tem (TRABALHADOR A).

Segundo o (TRABALHADOR/PAI-A) os conhecimentos que mais se destacam e a comunidade valoriza em seu cotidiano são os conhecimentos do manejo do açai e da pesca artesanal.

É a mesma informação que eu te dei agora, né. São essas coisas que sempre nós utilizamos e utilizam, né? É o meio ambiente, a preservação do nosso rio, da nossa mata, da nossa pesca. É isso aí a tradição nossa aqui, né. É como eles nos ensinaram, é da forma que nós vivemos aqui, dessa maneira aí. Aqui a gente não pode pescar

mais o mapará, a gente não pode mais pescar o dourado, camarão. Aí é nesse período que a gente vai pro açazal, vai trabalhar no açai(período que fecha a pesca). Aí fica difícil pra sobreviver, aí agente faz o trabalho no mato, cuidando do açazal. Aí é dessa maneira que a gente vive aqui, da forma que nós aprendemos com os nossos pai, da forma que nós vive. Dessa maneira, pesca na época de pesca e trabalha na safra do açai, que é na safra de açai. A gente não faz pesca e trabalho de mato, porque nós se asustamos desse custo de vida, de peixe e da mata. Quando não dá pra um lado, a gente corre pro outro. Aí todo tempo a gente fica se mantendo da floresta, da natureza e nós preserva assim, dessa maneira o meio ambiente (TRABALHADORA/PAI- B).

O trabalhador/pai- B, ressalta que a comunidade possuía uma tradição milenar onde interviam no meio sem agredir, conseguiam preservar o meio ambiente, pois foi isso que aprenderam no decorrer de suas vidas. Com a intervenção do seguro defeso muita coisa mudou na comunidade. Hoje se tem dois períodos, um que se pode pescar e outro que essa pesca é proibida. No período em que não se pescar, acontece o manejo a colheita do açai.

Hoje em dia já está sendo meio, uma transformação científica, que já não é como antes. As vezes as instituições, elas nos obriga a fazer uma coisa que está no programa da sociedade atualmente, não na prática de antes como eram feito, como no começo eu falei que era de pai pra filho, hoje a gente já está sendo manipulado pelas pessoas, pelas autoridades, pelo aquilo que vem de fora. (TRABALHADORA/MÃE- C).

A trabalhadora/mãe- C, diz que muitas coisas mudaram na comunidade em relação ao uso dos conhecimentos tradicionais. Atualmente não se tem mais autonomia para utilizá-los devido a intervenção dos meios técnico-científico que possuem meios mais sofisticados e com isso as gerações futuras ficam manipulados por eles.

5 A ESCOLA E A VALORIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

Para compreender como a escola vem valorizando os saberes tradicionais, realizamos as próximas entrevistas que desta vez foram com dois professores, aqui vamos chama-los de P1 e P2 para facilitar a identificação dos sujeitos.

As entrevistas com os professores foram realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental médio Nossa Senhora do Perpetuo Socorro do rio Maúba, devido alguns professores morarem na cidade de Abaetetuba e não disporem de tempo para me atender e contribuir com a pesquisa.

Iniciamos as entrevistas com os professores com o questionamento já realizado com os trabalhadores: O que você entende por saber tradicional? Comente.

Saberes tradicionais são saberes adquiridos com o tempo, né? Com a vivência, com os hábitos, com os costumes, são saberes que passam de mãe para filho, de pai para filho, de geração pra geração e é uma coisa muito, eu acho como fundamental assim pra manter, digamos assim, a identidade do ser humano, né? Porque as vezes a gente, hoje como a gente tem a questão

da tecnologia, da ciência muito avançada, tem gente que pode tender a menosprezar esses saberes tradicionais que é uma coisa que não pode acontecer, porque faz parte das nossas origens, da nossa formação, da nossa cultura, dos nossos hábitos. Eu acho importante manter essa tradição, né, esses saberes e hoje eu até brinco com meus alunos assim: hoje vocês já esqueceram o remo, vocês não sabem mais remar, vocês não sabem mais apanhar açai, não é? Hoje a gente olha, a gente não vê mais uma canoa, uma montaria no porto de vocês, hoje é a rabeta. Eu brinco assim, nesse sentido, mas eu digo pra eles: _olha, vão aprender a remar, vão aprender a apanhar açai, vão aprender a pescar, porque isso faz parte da cultura de vocês. Então, é mais ou menos assim que eu entendo (P1).

Observa-se na fala do (P1) que este, possui uma definição de saberes tradicionais bem clara, destacando a importância deste para a comunidade, bem como da tradição no processo de repasse desses saberes para as gerações futuras. No entanto, faz referências a transformação ou perda desses saberes para a tecnologia e a ciência, que muitas vezes menospreza esses conhecimentos em troca de outros mais avançados.

Saberes tradicionais são saberes que adquirimos com nossos antepassados, com nossos avós, com os nossos pais e que não estão organizados nos livros, organizados cientificamente. São saberes que se adquirem, as pessoas adquiriram, né, com o passar do tempo e que foram nos repassando, só que atualmente esses saberes estão perdendo terreno para os conhecimentos científicos né, aqueles conhecimentos das ciências (P2).

Assim como o P1, o P2 traz um conceito claro sobre os conhecimentos tradicionais, falando também sobre a tradição desses saberes repassados ao longo dos tempos, porém faz referências a sobreposição dos saberes científicos sobre os tradicionais. Segundo Sontos (2010) existe uma teoria que defende uma supremacia da ciência ocidental moderna sobre outras formas de conhecimentos, neste caso, os conhecimentos tradicionais. Sobre essa ideia, convém atentar-se para as considerações de Latour (1994) quando ele nos propõe pensar sobre a legitimação do conhecimento científico como superior. Para este autor, a ciência moderna é apenas uma possibilidade de ordenamento do mundo. Ao discorrer sobre essa concepção universalizante da ciência ocidental,

Cunha (2009, p. 301) nos faz refletir que:

A pretensão de universalidade da ciência talvez seja herdeira das ideias medievais de uma ciência cuja missão era revelar o plano divino. Desde o século XVII, ao se instaurar a ciência moderna, ela foi deliberadamente construída como uma, através de protocolos de pesquisa acordados por uma comunidade.

Cunha (2009) ressalta que a ciência ocidental se chancela perante os saberes tradicionais, ou ditos diferenciados. Vale aqui ressaltar, que tal chancela obedece a uma rede relacional de poderes, com códigos próprios, um mundo construído por ritos de passagens em que o sujeito vai se moldando enquanto um “cientista”.

A próxima pergunta direcionada aos entrevistados foi: Você já trabalhou o saber tradicional da comunidade em sua disciplina? Comente.

Raras as vezes, né, e até faço até uma crítica, porque a gente acaba se prendendo muito ao que é acadêmico, né, ao que vem no livro, ao que tá na pesquisa, enfim, o que a gente vai buscar na internet e a gente acaba que esquecendo um pouco ou muito esses saberes tradicionais, que seria muito importante a gente incluir né.

É, eu já trabalhei esse saber tradicional na minha disciplina, por exemplo, língua portuguesa, é, através da narração. Através da narração a gente, é, busca com o aluno aquilo ele já ouviu dos pais, dos avós a respeito, por exemplo, das lendas, é, trabalha a questão da lenda. Aí ele conta, por exemplo: _há, o meu avô contou a lenda da iara, a lenda da iara é assim, assim, assim, assim. Aí eu digo: mas você também, nós podemos também ler isso nos livros e já está organizado, né. Aí nós podemos ler, é, essa mesma lenda numa outra versão. Então, a gente trabalha nessa questão de versões, por exemplo, aí o avô conta numa versão e a gente lê no livro numa outra versão a questão da narração, né, na lenda (P2).

Observa-se nas falas tanto da (P1) quanto da (P2) que não há uma associação dos saberes tradicionais desenvolvidos pelos moradores da comunidade de Maúba com suas práticas no cotidiano da escola, elas trabalham conteúdos mediados por livros, internet ou diálogos sobre lendas entre outros. Contudo, reconheceram a importância de desenvolver este trabalho com os alunos da escola municipal Nossa Senhora do Perpetuo Socorro o que demarca a necessidade do diálogo entre os sujeitos que constituem o entorno desta comunidade. Portanto, para que isto ocorra é preciso do diálogo, segundo Paulo Freire (1996), este só possui sentido quando há uma ação e reflexão sobre a realidade em que os sujeitos estão inseridos, uma conquista implícita dos sujeitos dialógicos de criação e resistência que rompem com um ato de que os saberes eurocêntricos, depositados na ideia de um sujeito no outro, são os únicos saberes válidos na sociedade capitalista.

Quando perguntamos aos professores: Quais as dificuldades em relacionar os conteúdos de sua disciplina com os saberes da comunidade? Comente

Pois é, então é justamente nessa questão, da gente deixar ele de lado, a questão do tradicional e se apegar muito a questão do livro didático, o que o livro traz, não é? Não quer dizer que seja impossível de trabalhar, mas eu creio assim, que vai partir muito de nós, que o livro não traz. A gente sabe que é a realidade do livro que a gente recebe, tá muito distante da nossa realidade, da realidade do aluno. Então, já que o livro não traz, eu teria que buscar, não é esse, eu teria que buscar uma forma de trabalhar esses saberes dentro das minhas aulas. Então é uma falha nossa (P1).

A gente as vezes se prende muito no livro didático, é, se preocupa muito com o conteúdo e a gente precisa está trabalhando nas nossas aulas pra se fazer uma avaliação com o aluno e as vezes não sobra tempo pra gente fazer essas leituras que a gente precisa fazer essa parte oral com nosso aluno, buscar esse conhecimento tradicional com nosso aluno. Não sobra esse tempo, mas sempre que possível eu faço isso, por exemplo, os versos. Os pais de vocês, os avós de vocês trabalhavam, é, já falavam versos pra vocês, já falaram textos escritos em versos. Aí: _há, sim, olha, meu pai, meu avô, ele fala tal verso assim. Aí: _como é que ele fala esse texto,

esse poema? Ele tem quantos versos? Ele tem estrofes? Aí a gente vai explorando essa questão aí, né. (P2).

Como se pode perceber nas falas dos entrevistados que existe muitas dificuldades em fazer o diálogo dos saberes tradicionais e os saberes científicos nas aulas, devido a diferentes fatores como, os professores ainda priorizam os conhecimentos científicos contidos nos livros didáticos, ignorar os conhecimentos que os educandos trazem para a escola. No entanto, o P1, reconhece que a mudança está em sua prática pedagógica. A P2, comenta que apesar das dificuldades realiza, mesmo que de forma simplista um diálogo em suas aulas, como os versos, narrativas entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas escolas localizadas em comunidades rurais estão cercadas pelo rico saber que se proveniente da interação entre os indivíduos e construído de acordo com suas necessidades e relações com o ambiente. Porém, apesar da importância de se trabalhar este saber como ferramenta para inserir a realidade do aluno nas discussões realizadas em sala de aula, infelizmente muitas vezes este não é contextualizado devido à dificuldade que os professores encontram em relacioná-lo com os conteúdos curriculares.

Esta pesquisa mostra os resultados das entrevistas realizadas com trabalhadores/pais da comunidade de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro do Rio Maúba, bem como dos professores que atuam na escola de mesmo nome, isso é Escola Municipal Nossa Senhora do Perpetuo Socorro.

De acordo com os trabalhadores/pais são inúmeros os saberes tradicionais existente no contexto do Rio Maúba e vão desde os saberes tradicionais da medicina alternativa aos saberes tradicionais do artesanato. Porém, de acordo com os três trabalhadores/pais pesquisados os que mais se destacam são os saberes da pesca artesanal (bloqueio, Espinhel, Viveiro, Puça, Camboa, Gapuia, Caniço, Tapagem e o Cacuri), o manejo do açaí e o trabalho braçal. No entanto, segundo os trabalhadores/pais esses conhecimentos tão importante para a comunidade local, não são levados em consideração nos conteúdos aprendidos nas aulas que seus filhos aprendem na escola e essa desvalorização trás alguns problemas como a falta da preservação da natureza, bem como dos conhecimentos tradicionais e que a escola deveria ter consciência do tipo de conhecimento que estão repassando para suas gerações. Ela deveria respeitar os conhecimentos locais, valoriza-los em seus currículos de forma que estes possibilitasse a reflexão de sua realidade.

De acordo com as entrevistas realizadas com os professores percebeu-se que eles possuem um conceito sobre os saberes tradicionais, reconhecem sua importância, porém ainda enfrentam muitas dificuldades em realizar o diálogos entre os formais e os científicos. Essas dificuldades são inúmeras como: a valorização dos conhecimentos científicos contidos nos livros didáticos, internet, apostilhas ignorando os conhecimentos tradicionais dos alunos. Contudo, reconheceram a importância do diálogo entre eles para desenvolver uma produção do conhecimento, para os alunos no contexto da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Decreto nº 6.040**, de 7 de fevereiro de 2007.

BRASIL, **Medida provisória nº 2.186-16**, de 23 de agosto de 2001. (Convenção sobre Diversidade Biológica), dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, à proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado, a repartição de benefícios e o acesso à tecnologia e a transferência de tecnologia para sua conservação e utilização, e dá outras providências.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTRO, Carlos Potiara. Uso dos Recursos Genéticos Conhecimentos Tradicionais. Disponível em : <https://www.cbd.int/abs/infokit/revised/web/factsheet-tk-pt.pdf-2017> acesso em 22/10/2018.

COSTA, Paula Gabriela da. **Diálogo de Saberes Tradicionais e Científicos na Escola: Concepções de professores da educação básica**. VI Enebio e VIII Erebio Regional 3. Revista da SBEnBio - Número 9 – 2016.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DOURADO, Sheilla Borges. **Conhecimentos Tradicionais e Direitos Humanos**. Anais da 64ª Reunião Anual da SBPC – São Luís, MA – Julho/2012.

FARIA, A. R *et al.* **O eixo Educação do campo como ferramenta de diálogo entre saberes e docência**. In: ROCHA, M. I.; MARTINS, A. (org.). **Educação do campo: Desafios para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 93.

FOLADORI, G. **Limites do Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: UNICAMP, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. Política e Educação: **ensaios Paulo Freire**- 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Trad. Carlos I. da Costa. 34. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LEFF, E. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. OLIVEIRA, João F. TOSCHI, Mirza S. **Educação Escolar**: Política, Estrutura e Organização. São Paulo: Cortez, 6ª, 2008.

NOGUEIRA, Oscar Lameira. Açai / editado por Oscar Lameira Nogueira, Francisco José Câmara Figueirêdo, Antonio Agostinho Müller .__ Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2005. (Embrapa Amazônia Oriental. Sistemas de Produção, 4).

PEREIRA, Rosenildo da Costa. Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) e a inclusão social dos jovens e adultos do campo. MARGENS- Revista Interdisciplinar. Dossiê: Formação Docente, VOL. 10. N. 14. Jun. 2016. (p. 187- 198).

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura politicapolítica -3. Ed,- São Paulo: Cortez 2010- (Coleção para um novo senso comum; v. 4).

ANEXO

ENTREVISTAS COM OS TRABALHADORES DA COMUNIDADE MAÚBA

- 1- O que você entende por saberes tradicionais?
- 2- Qual a importância dos saberes tradicionais para a comunidade?
- 3- Para você qual saber tradicional mais se destaca na comunidade de Maúba?
- 4- A comunidade de Maúba, utiliza os saberes tradicionais em sua prática cotidiana? Quais?

ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES DA ESCOLA

- 1- O que você entende por saber tradicional? Comente?
- 2- Quais as diferenças entre o saber tradicional e conhecimento científico?
- 3- Você já trabalhou o saber tradicional da comunidade de Maúba em sua disciplina? Comente?
- 4- Quais as dificuldades em relacionar os conteúdos de sua disciplina com os saberes da comunidade? Comente?

ENTREVISTAS COM PAIS E ALUNOS DA ESCOLA

- 1- Para você existe interações entre escola e comunidade? Se existe de que forma?
- 2- A escola planeja suas ações levando em consideração as necessidades e anseios da comunidade?
- 3- Você já participou de programações da escola? Quais?
- 4- Deixe sua sugestão de como efetivar a aproximação da escola e comunidade?